



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

I – REQUERIMENTO

Elaborado pelo estabelecimento de ensino para o(a) Secretário(a) de Estado da Educação.

II – IDENTIFICAÇÃO DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO

Indicação do nome do estabelecimento de ensino, de acordo com a vida legal do estabelecimento (VLE).

III - PARECER E RESOLUÇÃO DO CREDENCIAMENTO DA INSTITUIÇÃO

IV – JUSTIFICATIVA

A estruturação Curricular do Curso Técnico em Design de Interiores visa o aperfeiçoamento na concepção de uma formação técnica que articule trabalho, cultura, ciência e tecnologia como princípios que sintetizem todo o processo formativo.

Assim, os componentes curriculares integram-se e articulam-se garantindo que os saberes científicos e tecnológicos sejam a base da formação técnica. Por outro lado, as ciências humanas e sociais permitirão que o técnico em formação se compreenda como sujeito histórico que produz sua existência pela interação consciente com a realidade construindo valores, conhecimentos e cultura.

O Técnico em Design de Interiores é o profissional que participa na elaboração e na execução de projetos de interiores de espaços residenciais, comerciais, vitrines e exposições, visando à estética, à melhoria dos aspectos funcionais, ergonômicos e visuais dos ambientes, para atender às necessidades de conforto, segurança e bem-estar dos usuários. Desenvolve esboços, perspectivas e desenhos, de acordo com as normas técnicas. Planeja e organiza o espaço, identificando elementos básicos para a concepção do projeto. Representa os



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

elementos de projeto no espaço bidimensional e tridimensional, aplicando métodos de representação gráfica.

V – OBJETIVOS

- a) Oferecer um conjunto de experiências pedagógicas que levem à Formação de sujeitos e profissionais críticos, reflexivos, éticos, capazes de participar e promover transformação de maneira responsável na sociedade em que vivem.
- b) Articular conhecimentos científicos e tecnológicos das áreas naturais e sociais estabelecendo uma abordagem integrada das experiências educativas.
- c) Oferecer um conjunto de experiências teóricas e práticas na área do Design de Interiores com a finalidade de consolidar o “saber fazer”. Interpretando o código de ética e de defesa do consumidor inerentes ao design, em uma perspectiva histórica, filosófica e política.
- d) Destacar em todo o processo educativo a importância da preservação dos recursos e do equilíbrio ambiental, interpretando e aplicando a legislação, assim como aplicando conceitos de sustentabilidade no desenvolvimento de projetos.
- e) Propiciar conhecimentos teóricos e práticos amplos para o desenvolvimento de capacidade de análise crítica, de orientação e execução para o mundo do trabalho.
- f) Capacitar e estimular a criatividade dos estudantes nos processos da concepção do Design de Interiores para representar os elementos de projeto no espaço bidimensional e tridimensional aplicando os métodos de representação gráfica.
- g) Estabelecer correlações entre o edifício construído e a representação objetos (mobiliários) por meio de projetos ou modelos em escala reduzida.
- h) Oferecer um conjunto de experiências teórico-práticas na área de Design de Interiores.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

VI – DADOS GERAIS DO CURSO

Habilitação Profissional: Técnico em Design de Interiores

Eixo tecnológico: Produção Cultural e Design

Forma: Subsequente

Carga Horária Total do Curso: 800 horas

Regime de funcionamento: de 2ª a 6ª feira, no(s) período(s): manhã, tarde ou noite.

Regime de Matrícula: Semestral

Número de Vagas: ... por turma. (Conforme m² - mínimo 30 ou 40)

Período de Integralização do Curso: mínimo 02 (dois) semestres letivos e máximo 10 (dez) semestres letivos.

Requisitos de Acesso: Conclusão do Ensino Médio

Modalidade de Oferta: Presencial.

VII - PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Técnico em Design de Interiores domina conteúdos e processos relevantes do conhecimento científico, tecnológico, social e cultural utilizando suas diferentes linguagens, o que lhe confere autonomia intelectual para acompanhar as mudanças, de forma a intervir no mundo do trabalho, orientado por valores éticos que dão suporte a convivência democrática. Cria, desenvolve e viabiliza a execução de projetos de interiores residenciais, comerciais, vitrines e exposições. Desenvolve esboços, perspectivas e desenhos. Planeja e organiza o espaço. Identifica elementos básicos para a concepção do projeto. Representa os elementos de projeto. Representa os elementos de projeto no espaço bi e tridimensional. Aplica métodos de representação gráfica.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

**VIII - ORGANIZAÇÃO CURRICULAR CONTENDO AS INFORMAÇÕES
RELATIVAS À ESTRUTURA DO CURSO:**

a. **Descrição de cada disciplina contendo Ementa:**

1. COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Carga horária: 96 horas

Ementa: Estudo dos princípios da composição gráfica, estrutura e proporção. Estudo e aplicabilidade das Teorias da composição gráfica. Processo de criação e desenho a mão livre. Aplicação de composição ao design de interiores. Estudo e composição do Layout residencial e desenvolvimento de estudos das necessidades de circulação de cada ambiente, de acordo com sua função.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<p>1. Princípios da Composição</p>	<p>1.1 Elementos da composição visual e formal; 1.1.1 ponto, linha e plano, 1.1.2 forma e direção, 1.1.3 tom e cor, 1.1.4 textura e escala, 1.1.5 movimento, ritmo e equilíbrio, 1.1.6 Proporção, figura e fundo. 1.2 Composição Bidimensional 1.2.1 Teoria da composição Bidimensional; 1.2.2 Representação gráfica; 1.3 Objetos sólidos; 1.4 Composição Tridimensional 1.4.1 princípios fundamentais 1.4.2 Tipos de perspectiva linear: um, dois e três pontos de fuga 1.4.3 Composição de elementos tridimensionais</p>
<p>2. Teorias e Processo de Criação</p>	<p>2.1 Teoria das Cores 2.1.1 Definição e composição da cor 2.1.2 Normas e convenções 2.1.3 Matiz, saturação e tom das cores 2.1.4 Psicologia e fisiologia das cores 2.1.5 Instrumentos utilizados na representação gráfica das cores. 2.2 Teoria da Forma: Gestalt</p>

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

	<p>2.2.1 Semelhança e Proximidade, 2.2.2 Continuidade e Pregnância, 2.2.3 Fechamento e Unidade. 2.3 Processo de criação no Design gráfico 2.3.1 Etapas do processo, 2.3.2 Elementos compositivos.</p>
<p>3. Representação gráfica a mão livre</p>	<p>3.1 Desenho de observação e representação gráfica de: 3.1.1 revestimentos, pisos de madeira, mármore e granitos; 3.1.2 metais e louças sanitárias; fechaduras e puxadores; 3.1.3 eletrodomésticos, eletroeletrônicos, eletro portáteis; 3.1.4 papéis de parede, tecidos e adesivos; 3.1.5 roupa de cama, mesa e banho; 3.1.6 tapetes e cortinas; 3.1.7 roda-teto, rodapé, roda-meios, sanca; 3.1.8 detalhes arquitetônicos; 3.1.9 objetos decorativos; 3.1.10 vegetação; 3.1.11 vidros e espelhos</p>
<p>4. Layout de Ambientes</p>	<p>4.1 Leitura de imagens e identificação de elementos decorativos em ambientes. 4.2 Complementos e acessórios de decoração. 4.3 Tendências atuais 4.4 Composição ao design de interiores – layout de Ambientes: 4.4.1 Residenciais 4.4.2 De trabalho 4.4.3 Corporativos</p>

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Eunice. **Como desenvolver o potencial criador**. São Paulo: Makron books, 1998.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção Visual** – Uma psicologia a Visão criadora. São Paulo: Ed. Pioneira, 1986.

ARHEIN, Rudolf. **Arte e percepção visual**. 9ª Edição. São Paulo: Pioneira, 1995.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CAUDURO, J. C. **Design e Ambiente**. São Paulo: FAU, 1999.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

CHAVEZ, Dario e JUBRAN, Alexandre. **Manual prático de desenho**. 2. Tipo Editora São Paulo, 2002.

CHING, Francis D. K. **Representação gráfica para desenho e projeto**. Gustavo Gili. Barcelona, 2001.

COLLARD, Antônio Celso. **Projeto Gráfico, teoria e prática da diagramação**. São Paulo: Editorial, 1987.

COSTA FERREIRA, Orlando. **Imagem e letra**. São Paulo: EDUSP, 1994.

CRAIG, James. **Produção Gráfica**. São Paulo: EDUSP, 1974.

DERDIK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**. São Paulo: Ed. Scipione, 2004.

DONDIS, A. D. **Sintax e da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DOYLE, Michael E. **Desenho a cores**. Bookman. 2ª Edição. São Paulo. 2002.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Ediouro. Rio de Janeiro. 2002

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgar Blucher, 1986.

FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FUENTES, Rodolfo. **A prática do design gráfico**. Uma metodologia criativa. São Paulo: Edições Rosari, 2006.

GILL, Robert W. **Desenho de perspectiva**. Thomas e Hudson. Londres. 1974.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto – Sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

GUPTILL, W. **A Arte de ver: Cor e Perspectiva**. Rio de Janeiro. Editora Globo, 1997.

GURGEL, Miriam. **Projetando Espaços**. Design de Interiores. 6ª ed. São Paulo: Editora Senac SP, 2017.

KANDINSKY, W. **Ponto e linha sobre plano**. 12ª ed. Lisboa: Edições 70. 1992.

MONTENEGRO, Gildo A. **Perspectiva dos profissionais**. Editora Edgard Blücher. São Paulo. 1ª. Edição, 1983.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

MUNARI, BRUNO. **Design e Comunicação Visual**: contribuição para uma metodologia didática. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

OSTROWER, Fayga. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2004.

_____. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PARREIRAS, A. C.S. **Materiais e Técnicas de desenho no Ensino de Arquitetura e Urbanismo**. Editora CVR. Curitiba-PR, 2011.

PEDROSA, Israel. **Da Cor a Cor Inexistente**. Brasília - DF. Editora FUNAME, 1980.

RIBEIRO, M. **Planejamento Visual Gráfico**. Brasília: Linha Gráfica e Editora, 2003.

SANTAELLA, L. **Imagens**: Cognição Semiótica, Mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SILVA. Arlindo; RIBEIRO. C.T; DIAS. João; SOUSA. Luis. **Desenho Técnico Moderno**. 4ª ed. São Paulo: LTG 2006.

WONG, W. **Princípios da forma e do desenho**. São Paulo, Martin Fontes, 1998.

2. COMPUTAÇÃO GRÁFICA

Carga horária: 96 horas

Ementa: Estudo dos programas de computação gráfica aplicados ao Design de Interiores. Estudo dos comandos e aplicabilidade dos métodos para o desenvolvimento de projetos através do desenho auxiliado por computador para a execução de projetos em 2D e 3D. Visualização em 3D. Impressão.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. CAD e o Design	1.1 CAD (Desenho Assistido por Computador) 1.1.1 Introdução sobre programas CAD 1.1.2 Utilização do CAD em Design de Interiores 1.1.3 Noções de coordenadas globais e relativas 1.2 Manipulação de arquivos no AutoCAD 1.2.1 Criando novo desenho 1.2.2 Abrindo arquivo existente

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

	<ul style="list-style-type: none"> 1.2.3 Salvando o desenho 1.3.4 Preparando área de trabalho 1.3 Comandos de visualização <ul style="list-style-type: none"> 1.3.1 Diversidade de comandos 1.3.2 Opções de ZOOM, 1.3.3 Regeneração de imagens; 1.4 Ajustes iniciais do AutoCAD <ul style="list-style-type: none"> 1.4.1 Definindo área de trabalho 1.4.2 Funções de precisão 1.4.3 Definição de unidades de precisão.
<p>2. Comandos do CAD</p>	<ul style="list-style-type: none"> 2.1 Comandos de desenho <ul style="list-style-type: none"> 2.1.1 Criação de objetos gráficos (linha, polilinha, círculos, arcos, retângulos, etc.) 2.2 Comandos de edição <ul style="list-style-type: none"> 2.2.1 Seleção de objetos, copiando, apagando, movendo, espelhando, cópias paralelas, rotacionando, etc. 2.3 Propriedades dos objetos no AutoCAD <ul style="list-style-type: none"> 2.3.1 Comando properties, 2.3.2 Alterando propriedades dos objetos 2.3.3 Atribuição de propriedades.
<p>3. Emprego do AutoCAD</p>	<ul style="list-style-type: none"> 3.1 Design Center <ul style="list-style-type: none"> 3.1.1 Utilização - Trabalhando com arquivos de referência 3.1.2 Inserindo imagens no desenho 3.2 Trabalhando com Blocos <ul style="list-style-type: none"> 3.2.1 Criação de blocos internos e externos 3.2.2 Inserindo blocos 3.3 Trabalhando com textos <ul style="list-style-type: none"> 3.3.1 Noções de escalas e Estilos de textos 3.3.3 Inserindo textos no desenho 3.4 Dimensionamento no AutoCAD <ul style="list-style-type: none"> 3.4.1 Ajustes e estilos de cotas 3.4.2 Tipos de dimensionamentos 3.4.3 Edição de cotas e textos em cotas
<p>4. AutoCAD – Layout e Impressão</p>	<ul style="list-style-type: none"> 4.1 Layouts <ul style="list-style-type: none"> 4.1.1 Layouts e configuração da folha de impressão 4.1.2 Definição de escalas. 4.2 Impressão no AutoCAD <ul style="list-style-type: none"> 4.2.1 Configuração das penas e da impressora 4.2.2 Estilos de plotagens 4.2.3 Imprimindo o desenho

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

<p>5. Imagens 3D</p>	<p>5.1 Produzindo Imagens em 3D 5.1.1 Princípios teóricos em 3D 5.1.2 Softwares específicos: Sketchup, Promob ou Cad 5.1.3 Uso dos comandos e ferramentas 5.1.4 Elaboração de paredes, aberturas e tetos. 5.1.5 Distribuição de materiais de revestimento e texturas 5.2 Geração de imagem em Perspectivas 5.2.1 Elementos de efeito: iluminação direcionada, difusa e geral. 5.2.2 Tratamento de imagens 5.2.3 Animação do projeto 5.2.4 Criação de Panoramas 5.3 Maquete Eletrônica 5.3.1 Introdução ao processo de Render 5.3.2 Modelagem de mobiliários em projetos.</p>
-----------------------------	---

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, E. **Computação Gráfica: Teoria e prática.** São Paulo: Ed.Campus,2003.

BALDAM, Roquemar de Lima; COSTA, Lourenço. **AutoCAD 2011: Utilizando Totalmente.** São Paulo: Editora Érica, 2011.

BRASWELL, M. S. **Autocad 2009 para arquitetos e projetistas de interiores.** Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009.

BRITO, Allan. **Blender 3D - Guia do Usuário.** São Paulo: Novatec, 2011.

CHOPRA, A. **Google Sketchup 7 para leigos.** Rio de Janeiro: Starlin alta consult, 2009.

CURRY, Zany D. **AutoCAD 2009 para design de interior: uma abordagem em modelagem 3D.** Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009.

FARRELLY, L. **Técnicas de representação.** São Paulo: Bookman, 2011.

GURGEL, Miriam. **Projetando Espaços.** Design de Interiores. 6ª ed. São Paulo: Editora Senac SP, 2017.

JOÃO, G. **Google Sketchup Pro 8 Passo a Passo.** São Paulo: VectorPro, 2010.

KATORI, R. **AutoCAD 2010: desenhando em 2D.** São Paulo: Senac Editora, 2010.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

LIMA, Claudia Campos N. A. **Estudo dirigido de AutoCAD 2011**: enfoque para arquitetura. São Paulo: Érica, 2004.

MACHADO, E. V. **Autocad 2009 para Design de Interiores**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009.

MATSUMOTO,É. Y. **AutoCAD 2006: guia prático-2D & 3D**. São Paulo: Érica, 2005.

OLIVEIRA, M. B. **Google Sketchup Pro aplicado ao projeto arquitetônico**. São Paulo: Novatec, 2010.

OMURA, George. **Dominando o AutoCAD 2010 e o AutoCAD LT 2010**. Rio de Janeiro (RJ): Ciência Moderna, 2010.

PEREIRA, J. dos S. **Prática de projeto em Autocad**: da prancheta para o computador. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.

RENYI, R. **Maquete Eletrônica Com AutoCAD 2004 E 3dS Max 5.1**. São Paulo: Erica, 2003.

RIBEIRO, Milton. **Planejamento Visual Gráfico**. Brasília: Linha Gráfica, 1998.

RUBIN, Renata. **Desenhando a Superfície**. São Paulo: Rosari, 2004.

SAAD, A. L. **AutoCAD 2004 2d e 3d para Engenharia e Arquitetura**. São Paulo: Makron, 2004.

SILVA. Arlindo; RIBEIRO. C.T; DIAS. João; SOUSA. Luis. **Desenho Técnico Moderno**. 4ª ed. São Paulo: LTG 2006.

WONG, Wucius. **Princípios de forma e desenho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WYSACK, ROY L. **Designing parts with solid works**. Cad Cam Pub, 1997.

3. CONFORTO AMBIENTAL

Carga horária: 64 horas

Ementa: Conhecimento dos conceitos e princípios do conforto ambiental. Estudo dos fatores determinantes para o conforto térmico, acústico, visual, luminotécnico, físico, tátil e psicológico. Estudo de abordagens alternativas e estratégias de conforto ambiental em espaços arquitetônicos internos.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Conforto do ambiente	1.1 Conceitos e princípios do conforto ambiental: térmico, acústico, visual, físico e psicológico. 1.2 Fatores determinantes para cada tipo de conforto 1.3 Importância do conforto ambiental. 1.3.1 bem estar das pessoas 1.3.2 adequação do projeto ao meio 1.3.3 conforto ambiental e saúde 1.4 Aplicabilidade dos fatores determinantes.
2. Carga Térmica e Proteção Solar	2.1 Tipos de Clima: carga térmica 2.2 Distribuição da insolação na esfera terrestre. 2.3 Transmissão de calor. 2.4 Proteção solar em edificações. 2.5 Consumo energético.
3. Ventilação e Iluminação Natural	3.1 Conceitos básicos 3.2 Efeitos do vento no meio urbano; 3.3 Tipo de aberturas nas edificações 3.3.1 Estudo sobre o dimensionamento de aberturas para ventilação natural; 3.3.2 Trocas de ar no ambiente construído. 3.4 Natureza e aspectos da luz no ambiente. 3.4.1 Dimensionamento de aberturas para iluminação natural, lateral e zenital.
4. Iluminação Artificial e Acústica	4.1 Iluminação Artificial. 4.1.1 Elementos de projeto: lâmpadas e luminárias. 4.1.2 Legislação sobre iluminação. 4.1.3 Projeto Luminotécnico. 4.2 Aspectos físicos do som. 4.2.1 Propagação e comportamento do som. 4.2.2 Ruídos. 4.2.3 Legislação específica de Acústica. 4.2.4 Tratamento e Isolamento Acústico

BIBLIOGRAFIA

BITTENCOURT, Leonardo. **Uso das Cartas Solares: diretrizes para arquitetos.** Maceió: Editora Edefal, 2009.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

BROWN, G. Z., DEKAY, M. **Sol, Vento e Luz: Estratégias para o Projeto de Arquitetura.** 2ª ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2004.

CORBELLA, Oscar. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos: conforto ambiental.** Rio de Janeiro: Revan, 2003.

COSTA, Ennio Cruz da. **Acústica técnica.** São Paulo: Edgard Blücher, 2003.

_____. **Ventilação.** São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

CUNHA, Eduardo G. da. **Elementos de Arquitetura de Climatização Natural.** Porto Alegre: Editora Masquatro Ltda., 2010.

De MARCO, Conrado e Silva. **Elementos da Acústica Arquitetônica.** São Paulo: Nobel, 1986.

FROTA, Anésia B.; SCHIFFER, Sueli R. **Manual de Conforto Térmico.** Ed. Studio Nobel. São Paulo, 2001.

GRUNOW, Evelise. **Acústica Questão Ambiental: Akkerman Projetos Acústicos.** São Paulo: Ed C4, 2008.

INNES, Malcolm. **Iluminação no Design de Interiores.** São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Luciano; PEREIRA, Fernando O.R. **Eficiência Energética na Arquitetura.** 2ª ed. São Paulo: Pró Livros, 2004.

MASCARÓ, Lucia R. de. **Energia na Edificação: estratégia para minimizar seu consumo.** São Paulo: Projeto, 1991.

MONTENEGRO, Gildo. **Ventilação e cobertura: estudo teórico, histórico e descontraído.** Ed. Edgard Blucher. 1983.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura.** 17ª ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2007.

PINHEIRO, A. C. da F. B.; CRIVELARO, M. **Conforto Ambiental.** Iluminação, Cores, Ergonomia, Paisagismo e Critérios Para Projetos. Rio de Janeiro: Editora Érica, 2014.

SILVA, Mauri Luiz da. **Luz, Lâmpadas e Iluminação: Ciência Moderna,** 2004.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

4. DESENHO ARQUITETÔNICO

Carga horária: 96 horas

Ementa: Estudo e prática do desenho de observação. Leitura, interpretação e elaboração da representação gráfica dos projetos em arquitetura, nas Normas da ABNT. Utilização dos instrumentos, meios e materiais para a representação gráfica. Emprego das Normas e convenções vigentes. Estudo das etapas do desenho arquitetônico e detalhamento de elementos construtivos.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<p>1. Desenho de Observação</p>	<p>1.1 Desenho à mão livre 1.1.1 Conceitos e técnicas 1.1.2 Recursos necessários – ferramentas 1.1.3 Estímulo ao hábito do desenho. 1.2 Noções de espaço e escala 1.3 Produção de desenho a mão livre 1.3.1 Objetos, 1.3.2 Mobiliários 1.3.3 Edifícios</p>
<p>2. Desenho Projetivo</p>	<p>2.1 Materiais e instrumentos de desenho; 2.1.1 Manipulação dos instrumentos do desenho 2.1.2 Desenho de margens e linhas 2.1.3 Letras e Números técnicos. 2.2 Desenho como ferramenta de expressão: introdução, figuras planas e visualização espacial. 2.3 Desenho técnico: Projeção ortogonal. 2.3.1 Unidade de medidas - Cotas, 2.3.2 Escalas. 2.4 Desenho projetivo e arquitetônico 2.4.1 Normas da ABNT. 2.4.2 Leitura, interpretação do desenho. 2.4.3 Criação de projeto arquitetônico</p>

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

<p>3. Desenho Arquitetônico</p>	<p>3.1 Representação do desenho arquitetônico; 3.2 Interpretação do desenho 3.3 Anteprojeto - Estudos preliminares; 3.4 Projeto Arquitetônico; 3.4.1 elaboração de plantas 3.4.2 elaboração de cortes 3.4.3 detalhes construtivos 3.5 Representação de equipamentos 3.5.1 móveis e decoração 3.5.2 vegetação</p>
<p>4. Perspectivas</p>	<p>4.1 Projeções 4.2 Sistemas de projeções. 4.2 Tipos (pontos de fuga) 4.3 Isométrica 4.4 Perspectivas arquitetônicas 4.4.1 ambientes internos, 4.4.2 volumes arquitetônicos 4.4.3 elevações; 4.5 Perspectivas cônicas 4.5.1 introdução e noções básicas; 4.5.2 perspectivas de interiores.</p>
<p>5. Detalhamento</p>	<p>5.1 Acessibilidade; 5.2 Aproveitamento dos espaços.</p>
<p>6. Desenho Técnico</p>	<p>6.1 Projeto Executivo 6.1.1 Etapas do projeto para execução 6.1.2 Técnicas do projeto de piso e gesso: paginação de piso</p>

BIBLIOGRAFIA

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - **Coletânea de Normas de Desenho Técnico**. São Paulo: 1990.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - **ABNT NBR 6492: Representação de projetos de arquitetura**. Rio de Janeiro, 2005.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - **ABNT NBR 9050: Acessibilidade**. Rio de Janeiro, 2015.

AZEREDO, Hélio Alves de. **O edifício e seu acabamento**. São Paulo: Edgard Blücher, 1994.

CHING, F. D.K. **Arquitetura de Interiores Ilustrada**. Porto Alegre: Bookman, 2013.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

CHING, Francis D. K. JUROSZEK, Steven P. **Representação gráfica para desenho e projeto**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

CHING, F.D.K. **Representação Gráfica em Arquitetura**. Porto Alegre, RS: Editora Bookman, 2001.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Ediouro. Rio de Janeiro, 2002.

FERREIRA, P. **Desenho de arquitetura**: Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

CHAVEZ, Dario e JUBRAN, Alexandre. **Manual prático de desenho 2**. Tipo Editora São Paulo, 2002.

DOYLE, Michael E. **Desenho a cores**. Bookman. 2ª Edição. São Paulo. 2002.

GUPTILL, W. **A Arte de ver**: Cor e Perspectiva. Rio de Janeiro. Editora Globo, 1997.

GURGEL, Miriam. **Projetando Espaços**. Design de Interiores. 6ª ed. São Paulo: Editora Senac SP, 2017.

HARNEST, Seep. **Aprenda a Fazer Esboços, Croquis, Desenhos**. Editora Ediouro. São Paulo. Goiânia UCG, 1997.

LEGGITT, J. **Desenho de Arquitetura**. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2004.

MICELI, Maria T., FERREIRA. Patrícia. **Desenho Técnico**. 3ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Imperial, 2008.

MONTENEGRO, Gildo A. **A Perspectiva dos Profissionais**. 2ª Edição. São Paulo. Edgar Blücher, 2010.

MONTENEGRO, Gildo A. **Desenho arquitetônico: para cursos técnicos de 2º grau e faculdades de arquitetura**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

NEIZEL, E. **Desenho Técnico para a Construção Civil**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária Ltda., 1974.

NEUFERT, Ernst. **A Arte de Projetar em Arquitetura**. São Paulo: Ed. Gustavo Gili, S.A., 2004.

PARREIRAS, Ana C.S. **Materiais e Técnicas de desenho no Ensino de Arquitetura e Urbanismo**. Editora CVR. 2008.

PEREIRA, A. **Desenho Técnico Básico**. Rio de Janeiro: Editora F. Alves, 1976.

PRÍNCIPE JUNIOR, Alfredo dos Reis. **Noções de Geometria Descritiva**. São



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

Paulo Nobel 1992, I e II.

PRONK, E. **Dimensionamento em Arquitetura**. João Pessoa: Universitária, 1995.

RASMUSSEN, E.E. **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.

SANTANA, Marco Aurélio. **Desenho arquitetônico básico**. São Paulo: Pini, 2010.

SILVA, Elvan. **Uma introdução ao projeto arquitetônico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SEGRE, R. **Arquitetos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Viana e Mosley, 2007.

WONG, Wucius. **Princípios de Forma e Desenho**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

5. EMPREENDEDORISMO

Carga horária: 32 horas

Ementa: Fundamentos do empreendedorismo e breve histórico. Profissional empreendedor nas organizações. Estudo do empreendedorismo aplicado ao design de interiores. Noções de Administração, Legislação e Ética profissional do Design de Interiores.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Empreendedorismo	1.1 Fundamentos do Empreendedorismo 1.1.1 Conceito 1.1.2 Plano de negócios - Empresário e empreendedor - Gestão financeira - Administração em Design 1.1.3 Gerenciamento e qualidade dos serviços 1.2 Marketing pessoal e digital 1.2.1 Estratégias de marketing 1.2.2 Plano de marketing 1.2.3 Ferramentas de marketing na área do design 1.3 Estudo da Legislação (Municipal, Estadual e Federal)



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

	<p>1.3.1 Lei nº 13.369/2016. 1.3.2 Resolução nº 1.087/2017 - CONFEA 1.3.3 Associação Brasileira de Design de Interiores – ABD 1.3.4 Código de Ética do Design de Interiores 1.3.5 Noções de direito trabalhista e previdenciário 1.3.6 Código de Defesa do Consumidor.</p>
--	--

BIBLIOGRAFIA:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESIGNERS DE INTERIORES. Disponível em: <<http://www.abd.org.br/abd/design-interiores.aspx>>. Acesso em 10/03/2014.

ARRUDA, Maria Cecília C. de. **Código de ética**: um instrumento que adiciona valor. São Paulo: Negócio Editora, 2002.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: Dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

CURSO BÁSICO DE EMPREENDEDORISMO. São Paulo: Cultura, 2011. Disponível em: <http://www.bmaiscompet.com.br/arquivos/PacPme_Curso_Empreendedorismo.pdf>. v. 1 – 8. Acesso em 10/03/2014.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

DORNELAS, J.C.A. **Empreendedorismo**: Transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro. Editora Campus, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Gestão de Pessoas**. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

KOTLER, Philip e KELLER, Kevin L. **Administração de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

LUCAS, Luciane. **Com credibilidade não se brinca!** A identidade corporativa como diferencial nos negócios. São Paulo: Summus, 2004.

LIDWELL, William. **Princípios Universais do Design**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MAXIMINIANO, Antônio C. A. **Administração de projetos**: como transformar ideias em resultados. 4ª edição. São Paulo. Ed. Atlas. 2010.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

MORAES, Dijon de. **Metaprojeto: design do design**. Editora Edgard Blucher, São Paulo, 2010.

MORAES, D. **Limites do Design**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

PETERS, M.; HISRICH, R. D. **Empreendedorismo**. São Paulo: Bookman, 2009.

PICKAR, ROGER. **Marketing para empresas de diseño de proyectos**. Barcelona, Gustavo Gili, 1997.

SERTEK. Paulo; GUINDANI. Roberto A. MARTINS. Tomás S. **Administração e planejamento estratégico**. Curitiba. Ed. Ibpex. 2007.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

WHEELER, Alina. **Design de identidade da marca**. São Paulo: Bookman, 2010.

ZAMBON, Marcelo Socorro. SILVA, Fábio Gomes da Silva. **Gestão de Relacionamento com o Cliente**. São Paulo, Cengage Learnig. 2011.

6. ERGONOMIA DO PRODUTO

Carga horária: 32 horas

Ementa: Introdução e importância da Ergonomia. Estudo da Antropometria e Biomecânica. Análise Ergonômica e Análise da Tarefa em projeto para design de interiores. Adequação dos espaços de acordo com os Conceitos de Desenho Universal e Acessibilidade.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Ergonomia	1.1 Ergonomia: 1.1.1 Introdução e Conceituação, 1.1.2 História e Objetivos 1.1.3 Classificação e Aplicabilidade. 1.2 Princípios ergonômicos nos ambientes 1.3 Sistema homem - máquina - ambiente 1.3.1 Organismo humano (capacidades, habilidades e limitações) 1.3.2 Máquina (objeto - extensão do homem) 1.3.3 Ambiente (abrigo, proteção e conforto)

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

<p>2. Design ergonômico</p>	<p>2.1 Conceito e relação na criação do design; 2.2 Conceitos essenciais: 2.2.1 Função, estrutura e forma. 2.3 Uso da ergonomia atrelado à metodologia do projeto de criação; 2.4 FEB (Fatores Ergonômicos Básicos) – requisitos de projetos: 2.4.1 Tarefa, segurança, conforto, estereótipo popular, envoltórios de alcances físicos, aplicação de força e materiais. 2.5 Postura ideal para usos dos espaços 2.5.1 Atendimento ao conforto; 2.5.2 Melhor equilíbrio do corpo humano</p>
<p>3. Antropometria e Biomecânica</p>	<p>3.1 Aspectos teóricos e práticos 3.1.1 Conceitos e objetivos 3.1.2 Medidas antropométricas 3.1.3 Antropometria dinâmica e funcional 3.1.4 Antropometria estática e estrutural 3.1.5 Adequação dos produtos ao usuário 3.1.6 Consequência dos produtos inadequados 3.3 Trabalho estático e dinâmico 3.4 Posturas e análise de postural</p>
<p>4. Acessibilidade e Ergonomia</p>	<p>4.1 Desenho Universal e Acessibilidade 4.1.1 Aplicação prática dos conceitos de ergonomia em ambientes e projetos: elevações, iluminação, decoração, cores, organização dos objetos no espaço. 4.1.2 Acessibilidade (circulação em ambientes) NBR 9050 4.1.3 Design e ergonomia para população especial: idoso, deficientes físicos e mobilidade reduzida. 4.1.4 Sete princípios do desenho universal</p>

BIBLIOGRAFIA:

ABERGO. 2011. **O que é Ergonomia**. Rio de Janeiro: ABERGO. Disponível em: <http://www.abergo.org.br/internas.php?pg=o_que_e_ergonomia>. Acesso em 01/12/2014.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - **ABNT NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2004.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

COUTO, Hudson de Araújo. **Ergonomia aplicada ao trabalho; o manual técnico da máquina humana**. 2º v. Belo Horizonte: Ergo, 1995.

CYBIS, Walter. BETIOL, Adriana. FAUST, Richard. **Ergonomia e Usabilidade**. Conhecimentos, Métodos e Aplicações. São Paulo: Novatec, 2007.

DREYFUSS, Henry. **As medidas do homem e da mulher; fatores humanos em design**. Porto Alegre: BOOKMAN, 2005.

DUL, J.; WEERDMEESTER, B. **Ergonomia prática**. São Paulo: Edgard Blucher, 2004.

GOMES FILHO, João. **Ergonomia do objeto – Sistema Técnico de Leitura Ergonômica**. São Paulo: Escrituras, 2011.

GRANDJEAN, Etiane. **Manual de ergonomia**; adaptando o trabalho ao homem. Porto Alegre: Artmed, 2005.

IIDA, Itiro. **Ergonomia**: projeto e produção. São Paulo: Edgard Blucher, 2005.

KROEMER. K H.E. Manual de ergonomia: adaptando o trabalho ao homem. 5ª edição. Porto Alegre. Ed. Bookman. 2005.

Henry Dreyfuss Associated. **As Medidas do Homem e da Mulher - Fatores Humanos em Design**. São Paulo: Bookman, 2005.

LAVILLE, Antonie. **Ergonomia**. São Paulo: E.P.U. EDUESP, 1977.

MONT'ALVÃO, Claudia; DAMAZIO, Vera (org.). **Design, ergonomia e emoção**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. **Dimensionamento humano para espaços interiores**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

PRONK, Emile. **Dimensionamento em arquitetura**. 7ª edição. João Pessoa. Editora Universitária. 2003.

REBELO, Francisco. **Ergonomia no dia a dia**. Edições Sílabo. Lisboa, 2004.

SILVA, Mauri Luiz da. **Luz, Lâmpadas & Iluminação**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2008.

_____. **LED: a luz dos novos projetos**. Rio de Janeiro: Ciência moderna, 2012.

VIEIRA. Jair L. **Manual de ergonomia**: manual de aplicação da Norma Regulamentadora. 1ª edição. Bauru. Ed. Edipro, 2007.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

7. FUNDAMENTOS DO TRABALHO

Carga horária: 32 horas

Ementa: Estudo do trabalho humano nas perspectivas ontológica e histórica. Compreensão do trabalho como mercadoria no industrialismo e na dinâmica capitalista. Reflexão sobre tecnologia e globalização diante das transformações no mundo do trabalho. Análise sobre a inclusão do trabalhador no mundo do trabalho.

CONTEÚDO(S) ESTRUTURANTE(S)	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Trabalho humano	1.1. Ser social, mundo do trabalho e sociedade. 1.2. Trabalho nas diferentes sociedades. 1.3. Transformações no mundo do trabalho. 1.4. Homem, Trabalho e Meio Ambiente. 1.5. Processo de alienação do trabalho em Marx. 1.6. Emprego, desemprego e subemprego.
2. Tecnologia e globalização	2.1. Processo de globalização e seu impacto no mundo do trabalho. 2.2. Impacto das novas tecnologias produtivas e organizacionais no mundo do trabalho. 2.3. Qualificação do trabalho e do trabalhador.
3. Mundo do trabalho	3.1. Inclusão do trabalhador na nova dinâmica do trabalho. 3.2. Inclusão dos diferentes – necessidades especiais e diversidade.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensino sobre a afirmação e a negação do trabalho. 7. reimp. São Paulo: Bomtempo Editorial, 2005.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação.** 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas:** introdução, organização e seleção. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CHESNAIS, François. **Mundialização do capital.** Petrópolis: Vozes, 1997.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. 12. ed. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da natureza**. São Paulo: Alba, [s/d]

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos da explicação sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: T. A Queiroz, 1980.

FERRETTI, Celso João. et al. (orgs). **Tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. (orgs) **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

FROMM, Erich. **Conceito marxista de homem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GENRO, Tarso. **O Futuro por armar: democracia e socialismo na era globalitária**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GENTILI, Pablo. **A educação para o desemprego**. A desintegração da promessa integradora. In. Frigotto, Gaudêncio. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. trad. Carlos Nelson Coutinho. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1995.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

8. HISTÓRIA DA ARTE E DO DESIGN

Carga horária: 48 horas

Ementa: Estudo dos estilos da arte, das manifestações artísticas e dos períodos históricos no Design de Interiores. Influência das questões estéticas à Arquitetura e ao Design de Interiores. Compreensão dos conceitos relacionados à Arquitetura e ao Desenho. Estudo dos estilos de mobiliário e sua evolução histórica.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

CONTEÚDO(S) ESTRUTURANTE(S)	CONTEÚDOS BÁSICOS
<p>1. Fundamentos da Arte e da Arquitetura</p>	<p>1.1 Conceitos e definições da Arquitetura e do Design de Interiores. 1.1.1 Espaço arquitetônico e o design 1.1.2 Evolução histórica da Arquitetura e do Design de Interiores 1.2 Manifestações artísticas 1.2.1 Introdução 1.2.2 Pré-história e Arte da antiguidade 1.2.3 Transformações estéticas após o cristianismo e Idade Média; 1.2.4 Períodos: Renascimento, Barroco, Rococó, Neoclassicismo, Romantismo, Impressionismo, etc. 1.2.5 Revolução Industrial e consequências: Arte Nouveau e Arte Decó; Bauhaus Surrealismo e POP arte. 1.2.6 Realismo e ruptura: Impressionismo e Expressionismo. 1.2.7 Século XX e vanguardas (Arte Moderna): Cubismo, Abstracionismo, Futurismo, Minimalismo. 1.2.8 Arte pós-guerra: Concretismo, Pop Arte e Op Arte. 1.2.9 Arte Contemporânea. 1.2.10 Tendência e influências dos períodos na decoração e mobiliário no design de interiores.</p>
<p>2. Estética e o Design Contemporâneo</p>	<p>2.1 Essência da estética, conceitos 2.2 Arquitetura e o design como arte e objeto estético 2.3 Design Contemporâneo 2.3.1 Os profissionais expoentes do Design de interiores da atualidade e seus diferentes estilos: Nacionais e Internacionais 2.3.2 Características dos ambientes contemporâneos 1.4 Design no Brasil 1.4.1 Introdução 1.4.2 Identidade e especificidades 1.4.3 Inserção do design brasileiro no cenário internacional</p>



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

3. Design do mobiliário e Ecodesign	3.1 História do Design de mobiliário 3.2 Articulação do espaço por meio do mobiliário 3.3 Tipos de mobiliário 3.3.1 Residencial 3.3.2 Comercial 3.3.3 Industrial 3.4 Desenvolvimento de projetos de mobiliário 3.5 Produção de maquetes de mobiliário. 3.6 Conceitos e Princípios do ecodesign 3.6.1 Sustentabilidade ambiental 3.6.2 Elaboração de peças sustentáveis 3.6.3 Leitura e aplicação do ecodesign em projetos
--	--

BIBLIOGRAFIA

BELL, J. **Uma Nova História da Arte**. Ed. WMF, 2008.

BENELOVO, L. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BUCHER, ROBERT. **Características dos Estilos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BÜRDEK, B. E. **História, Teoria e Prática do Design de Produtos**. Tradução de Freddy Van Camp. São Paulo: Blücher, 2006.

CARDOSO, R. **Uma Introdução à História do Design**. São Paulo: Blücher, 2000.

CARDOSO, R. **O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CHING, Francis. **Representação Gráfica em Arquitetura**. Porto Alegre, Editora Bookam, 2000.

COSTA, L. **Arquitetura**. São Paulo: José Olympio, 2002.

DENIS, RAFAEL C. **Uma Introdução à História do Design**. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.

DROSTE, Magdalene. **Bauhaus: Bauhaus Archiv 1913-1933** – Germany: Taschen, 1994.

FIELL, Peter & Charlotte. **Design do Século XX**. Editora Taschen, 2015.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIBBIS, Jenny. **Design de Interiores**. Guia Útil Para Estudantes e Profissionais. 1ª ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2010.

GLANCEY, J.. **História da arquitetura**. São Paulo: Loyola 2001.

GRIMLEY, Chis; LOVE, Mimi; et al. **Cor, Espaço e Estilo**. Todos os Detalhes que os Designers de Interiores Precisam Saber. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

GOMBRICH. Ernst H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Ed. Livro Técnico, 1999.

LEMOS, C.A.C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1979.

MIASALI, Deborah; et al. **Panorama das Ações de Design no Brasil**. Centro de Design do Paraná. Relatório solicitado pela ABDI. Curitiba – Pr: Setembro 2006. https://www.designbrasil.org.br/wp-content/uploads/2013/12/panorama_nacional.pdf

MONTENEGRO, Ricardo. **Guia da História do Mobiliário**. Lisboa: Presença, 1995.

MORAES, D. **Análise do Design Brasileiro: entre mimese e mestiçagem**. São Paulo: Blücher, 2006.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. Edições 70 Ltda., Lisboa, 1981.

NIEMEYER, L. **Design no Brasil: origens e instalação**. Rio de Janeiro: 2AB, 2007.

PEREIRA, J. R. A. **Introdução à história da arquitetura: das origens ao século XXI**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

PEVSNER, Nikolaus. **Os Pioneiros do Desenho Moderno**. Trad. João Paulo Monteiro. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PINHEIRO, A. C. da F. B.; CRIVELARO, M. **História da Arte e do Design**. Princípios, Estilos e Manifestações Culturais. Rio de Janeiro: Editora Érica, 2014.

PROENÇA, G. **História da Arte**, São Paulo: Editora Átila, 2010.

SANTOS, MARIA C. L. DOS. **Móveis Moderno do Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/Edusp, 1995.

SOUZA, P. L. P. **Notas para uma História do Design**. Rio de Janeiro: 2AB, 2008.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

9. INTRODUÇÃO À PROFISSÃO DE DESIGN DE INTERIORES

Carga horária: 32 horas

Ementa: Estudo dos Conceitos fundamentais da formação profissional do Técnico em Design de Interiores. Organização das práticas profissionais: montagem de escritórios, relação com fornecedores, clientes e outros profissionais. Elaboração de propostas, contratos. Estudo das relações entre cliente e designer.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Formação Profissional	1.1 Princípios da profissão. 1.1.1 Áreas de atuação do designer. 1.1.2 Implicações e desdobramentos. 1.2 Responsabilidade e ética profissional do Design de Interiores. 1.2.1 Noções de responsabilidade social e ambiental 1.2.2 Atribuições do design de interiores 1.3 Campos de atuação profissional 1.3.1 Profissionais e fornecedores envolvidos 1.3.2 Honorários e orçamentos para serviços profissionais 1.3.3 Propostas e contratos para serviços profissionais 1.3.4 Visitas em empresas, lojas e palestras sobre reformas e acabamentos. 1.4 Evolução formal e tecnológica da profissão do designer. 1.4.1 Principais correntes de pensamento e “escolas” de design 1.4.2 Reflexos na atividade de designer

BIBLIOGRAFIA

ADG. **O Valor do Design.** Adg Brasil Associação dos Designers Gráficos / Senac São Paulo, 2004.

ARRUDA, Maria Cecília C. de. **Código de ética:** um instrumento que adiciona valor. São Paulo: Negócio Editora, 2002.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

AUGÊ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Editora Papyrus, São Paulo, 2004.

BAXTER, M. **Projeto de produto**: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. 2.ed. rev. São Paulo: Edgard Blucher, 1998.

BEZERRA, C. **O Designer Humilde**: lógica e ética para inovação. São Paulo: Rosari, 2008.

BORGES, A. **Designer não é Personal Trainer**. São Paulo: Rosari, 2002.

BROWN, T. **Design Thinking**: Uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas idéias. Campus Elsevier, 2010.

FAGGIANI, Kátia. **Poder do Design: da ostentação à emoção**. Thesaurus Editora, 2006.

GIBBS, Jenny. **Design de Interiores**: Guia útil para estudantes e profissionais. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

GILLIATT, M. **Curso de Interiorismo**. Barcelona: Blume, 2006.

GOMES FILHO, J. **Gestalt do Objeto**. São Paulo: Ed. Escrituras, 2004.

HESKETT, J. **Design**. Tradução de Márcia Leme. São Paulo: Ática, 2008.

LIDWELL, William. **Princípios Universais do Design**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MANCUSO, C. **Arquitetura de Interiores e Decoração**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2007.

MORAES, Dijon de. **Metaprojeto: design do design**. Editora Edgard Blucher, São Paulo, 2010.

MORAES, D. **Limites do Design**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

PANERO, J.; ZELNIK, M. **Dimensionamento Humano para Espaços Interiores**. São Paulo, Ed. G.Gili do Brasil S/A, 2003.

PIOTROWSKI, C. M. **Professional Practice for Interior Designers**. John Wiley Professio, 2007.

SLACK, N. **Administração da produção**: edição compacta. São Paulo Atlas 1999.

WILTON, A. **O que é design**. São Paulo: Brasiliense: 2005.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

10. INSTALAÇÕES PREDIAIS

Carga horária: 64 horas

Ementa: Estudo das normas e dos procedimentos de execução das instalações elétricas, telefônicas, hidráulicas e acústicas. Leitura de elementos de instalações prediais determinantes na concepção do projeto de *design de interiores*. Estudo sobre a implantação e execução de instalações especiais.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Instalações elétricas	1.1 Eletricidade 1.1.1 Conceito e grandezas fundamentais 1.1.2 Métodos de cálculo 1.1.4 Circuito de potência e condutores 1.1.3 Simbologia das instalações 1.1.4 Leitura e interpretação de projetos elétricos 1.2 Luminotécnica 1.2.1 Medição/cálculos 1.2.2 Tipos de lâmpadas e luminárias
2. Instalações hidráulicas	2.1 Hidráulica e Saneamento 2.1.1 Conceito 2.1.2 Terminologias e simbologias 2.1.3 Localização de pontos 2.2 Legislação e normas técnicas 2.3 Leitura e desenho das instalações hidro sanitária e pluviais.
3. Instalações especiais	3.1 Rede de Telecomunicação 3.1.1 Conceito 3.1.2 Dimensionamento e desenho da rede das instalações de telecomunicação 3.2 Instalações de Gás Liquefeito de Petróleo – GLP 3.2.1 Conceito 3.2.2 Terminologias e simbologias 3.3 Prevenção e combate a incêndios 3.3.1 Conceito 3.3.2 Desenho da rede das instalações de GLP e Combate a incêndio 3.4 Instalações termo acústicas 3.4.1 Conceitos 3.4.2 Materiais empregados 3.5 Legislação e normas técnicas.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

BIBLIOGRAFIA

- ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - NBR 54104 - **Instalações elétricas de baixa tensão**, versão corrigida. Rio de Janeiro, 2008.
- ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - NBR 13523 – **Central de gás liquefeito de petróleo** – GLP. 3ª ed. Rio de Janeiro, 2008.
- ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - NBR 5444 – **Símbolos gráficos para instalações elétricas prediais**. Rio de Janeiro, 1988.
- ADAMS, C.; CHING, Francis. D. K. **O Edifício e seu Acabamento**. São Paulo: Ed. Blücher, 1987.
- ADAMS, C.; CHING, Francis. D. K. **Técnicas de Construção Ilustradas**. São Paulo: Ed. Bookman, 2001.
- AMARAL, A. D. do. **Prontuário de instalações elétricas segundo NR-10 para a PROCEL** Projetos e Construções Elétricas Ltda. Ijuí, 2006.
- AZEREDO, H. A. **O Edifício e seu acabamento**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.
- AZEVEDO NETTO, José Martiniano de. **Manual de hidráulica**, V1 e V2, 6ª ed. Ed. Edgard Blucher Ltda. São Paulo – SP. , 1973.
- BORGES, Ruth. **Manual de Instalações Prediais Hidráulico-Sanitárias e de Gás** Ed. FUMARC. Belo Horizonte. Ed. 1989.
- CARVALHO JUNIOR, R. **Instalações elétricas e o projeto de arquitetura**. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.
- CARVALHO JUNIOR, R. **Instalações hidráulicas e o projeto de arquitetura**. São Paulo: Edgard Blucher, 2010.
- CREDER, Hélio. **Manual do instalador eletricista**. São Paulo: LTC, 2004.
- _____. **Instalações Hidráulicas e Sanitárias: Exemplo de Aplicação Projeto**. Rio de Janeiro: Ed. LTC. 2006.
- _____. **Instalações Elétricas: Exemplo de Aplicação Projeto**. Rio de Janeiro: Ed. LTC. 2007.
- JUNIOR, Roberto de Carvalho. **Instalações elétricas e o projeto de arquitetura**, 1ª ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2017.
- LIMA FILHO, Domingos Leite. **Projetos de instalações elétricas prediais**. 6ª ed. São Paulo: Érica, 2001.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

MANCUSO, Clarice. **Guia Prático do Design de Interiores**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PIRELLI S.A. **Manual Pirelli de instalações elétricas**. 2ª ed. São Paulo: Editora Pini, 1999.

P. J. E. JESZENSKY. **Sistemas telefônicos**. Ed. Manole, Barueri SP, 2004.

P. TOLEDO. **Redes de acesso em telecomunicações**. São Paulo: Ed. Makron Books, 2001.

SALGADO, J. **Instalação Hidráulica Residencial - A Prática do Dia a Dia**. São Paulo: Érica, 2010.

11. MATERIAIS DE REVESTIMENTO

Carga horária: 64 horas

Ementa: Estudo e aplicação dos materiais de acabamento e revestimento no *Design* de Interiores: características, uso, aplicação, implicações estéticas, especificação e detalhamento. Verificação dos conceitos, utilização, características e paginação dos produtos aplicados em pisos, paredes, tetos e mobiliários. Estudo das noções de cálculos quantitativos e aplicabilidade dos materiais de revestimento.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Introdução	1.1 Introdução e conceito dos materiais de revestimento 1.2 Tecnologia e propriedades dos materiais aplicados ao design de interiores 1.3 Estratégias para escolha e aplicação dos materiais de revestimento.
2. Diferentes materiais	2.1 Materiais, características e aplicabilidades: 2.1.1 Pisos naturais: madeira, pedra, cerâmica, porcelanato, gress; 2.1.2 Pisos sintéticos: laminados, resina e carpetes; 2.1.3 Paredes: tintas, tecidos, papel de parede, revestimentos cerâmicos, pedras e madeiras; 2.1.4 Forro: madeira, gesso, PVC, tecidos e

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

	<p>vinílicos. 2.1.5 Vidros e suas aplicabilidades; 2.1.6 Materiais sustentáveis aplicados ao Design de Interiores.</p>
3. Revestimentos	<p>3.1 Materiais de revestimento de ambientes 3.1.1 Características e aplicações; 3.1.2 Leitura e representações em projetos; 3.1.3 Cálculos quantitativos; 3.1.4 Representação gráfica; 3.1.5 Ambientes comerciais e residenciais; 3.2 Revestimento de Mobiliário; 3.2.1 Características; 3.2.2 Tipos diferentes: tecidos, couro, sintéticos, etc. 3.3 Revestimento Sustentável 3.3.1 Características 3.3.2 Tipos de materiais sustentáveis.</p>
4. Mobiliário	<p>4.1 Estudo do mobiliário 4.2 Conceitos de materiais de acabamentos utilizados na execução do móvel. 4.3 Tipos de materiais de acabamento do mobiliário 4.3.1 Chapas de madeira: compensado, MDF, aglomerado, MDP, OBS. 4.3.2 Revestimentos de acabamentos: seladora, verniz, laca, laminados melamínicos, folhas de madeira.</p>

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, J.A.C. **O Plástico na Prática**. 1ª ed. São Paulo: Ed. Agra, 1990.

ASHBY, Michael; JOHNSON, Kara. **Materiais e Design** - Arte e ciência da seleção de materiais no design de produto. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

AZEREDO, H. A. **O edifício até sua cobertura**. 2ª ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.

BAUER, L. A. F. **Materiais de Construção**. Volumes 1 e 2. - Quinta Edição - Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1995.

BERTOLINI, L. **Materiais de Construção**. 1ª ed. São Paulo: Oficina do Texto Editora, 2010.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

BORGES, Alberto de Campos. **Prática das pequenas construções**, v.1. 9ª ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2009.

BROWN, Rachael; FARRELLY, Lorraine. **Materiais no Design de Interiores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

CALLISTER JR., W. D. **Ciência e engenharia de materiais: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

CHING, F. D. K. **Arquitetura de Interiores Ilustrada**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

GURGEL, M. **Projetando Espaços: Guia de Arquitetura de Interiores para Áreas Residenciais**. São Paulo: SENAC, 2004.

GURGEL, M. **Projetando Espaços**. Design de Interiores. São Paulo: SENAC, 2007.

HIPÓLITO, Elaine. **Pequeno Livro de Decoração, Guia Para Toda Hora**. 1ª ed. Campinas-SP: Editora Verus, 2012.

LESKO, Jim. **Design Industrial: Materiais e Processos de Fabricação**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

LIMA, Marco A. M. **Introdução de Materiais e Processos para Designers**. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna, 2006.

LOURENCI, Sidney. **Caracterização de Argamassas de Revestimento Fabricadas com Materiais Alternativos**. 2003.

MANCUSO, Clarice. **Guia Prático do Design de Interiores**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

NAVARRO, R. **Materiais e Ambiente**. João Pessoa: Editora Universitária., 2001.

PETRUCCI, E. G. R. **Materiais de construção**. 12ª ed. São Paulo: Globo, 2007.

RIPPER, Ernesto. **Manual prático de materiais de construção**. São Paulo: Pini Editora, 2001.

SCATTERGOOD, E. **Guia das Superfícies e Acabamentos**. Livros e Livros, 2001.

SENAI – SP. **Madeira: Matéria Prima Para o Design**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Senai, 2014.

SINDUSCON. **Qualidade na aquisição de materiais e execução de obras**. São Paulo: Pini, 2004.

TEIXEIRA, JOSELANA. **Design & materiais**. Curitiba, Ed. CEFET, 1999.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

12. NOÇÕES DE PAISAGISMO E JARDINAGEM

Carga horária: 32 horas

Ementa: Estudo dos Fundamentos do Projeto de Paisagismo. Compreensão das formas de intervenção do paisagismo no ambiente. Elementos morfológicos e manejo das plantas. Projeto de jardinagem: planejamento e elaboração de desenho.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<p>1. Introdução</p>	<p>1.1 Conceito e definições sobre paisagismo, paisagem. 1.2 Vegetação: morfologia e representação. 1.3 Evolução histórica dos jardins e do Paisagismo 1.3.1 Introdução 1.3.2 Panorama histórico e seus estilos. 1.4 Paisagem Brasileira 1.4.1 História dos jardins brasileiros 1.4.2 Principais características. 1.5 Paisagem natural e paisagem construída 1.5.1 Jardins privados 1.5.2 Espaços comerciais, hotéis 1.5.3 Análise de projetos e intervenção paisagísticas.</p>
<p>2. Projeto Paisagístico</p>	<p>2.1 Criação de Jardins em ambientes internos 2.1.1 Plantas utilizadas em interiores: jardins de inverno, terraços e sacadas. 2.1.2 Tratamentos e condições adequadas. 2.2 Elementos decorativos e mobiliários complementares ao paisagismo: 2.2.1 Piso, elementos construídos, água, vegetação. 2.2.2 Jardins verticais, vasos e canteiros suspensos. 2.2.3 Elementos de efeito: iluminação objetiva, conceitual e dramática.</p>

Bibliografia:

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens:** guia de trabalho em arquitetura paisagística. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

- AB'SABER, Aziz N. **Ecossistema do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2008.
- AGUESSE, Pierre. **O Homem e seu Ambiente**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- ARLINDO, Philipe Jr. **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Barueri-SP: Manoele, 2005.
- BARBOSA, A. C. da S. **Paisagismo Jardinagem e Plantas Ornamentais**. São Paulo: Iglu, 2009.
- CHACEL, F. **Paisagismo e ecogênese**. Rio de Janeiro: FRAIHA Editora, 2001.
- EDITORA EUROPA. **Paisagismo para Pequenos Espaços**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Europa, 2010.
- FARAH, Ivete. SCHLEE, Mônica Bahia. TARDIN, Raquel. (Orgs.) **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- FORTES, V. M. **Pragas e Doenças do Jardim: Identificação e Controle**. Viçosa: Ed. Aprenda Fácil, 2005.
- FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho Ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico**. São Paulo: Annablume, 1997.
- LAMPREIA, M. **Caminho das Flores: Guia Prático de Jardinagem**. Rio de Janeiro: Jobim Music, 2010.
- LORENZI, Harri. **Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil v. 1, 2 e 3**. São Paulo: Nova Odessa, 2000.
- LORENZI, Harri; SOUZA, H. M. de. **Plantas Ornamentais do Brasil**. São Paulo: Nova Odessa, 2001.
- LORENZI, H. & Souza, H. M. **Plantas ornamentais no Brasil: Arbustivas, Herbáceas e Trepadeiras**. 4ª ed. São Paulo: Instituto Plantarum, 2008.
- MACEDO, Silvio Soares. SAKATA, Francine Gramacho. **O quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2001.
- MACEDO, Silvio Soares. **O quadro do paisagismo no Brasil**. Editora Guapá. 1999.
- PLANTAS PARANAENSES. Sociedade Chauá. Disponível em: <<http://www.chaua.org.br/pagina/floraparana-catalogo-plantas-nativas-do-parana>>. Acesso em 14/11/2014.
- WATERMAN, Tim. **Fundamentos de Paisagismo**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

13. PROJETO DE INTERIORES I

Carga horária: 48 horas

Ementa: Elaboração de projetos de interiores voltados para a organização de espaços: residencial, comercial e serviços. Estudo dos fluxos e circulações em espaços coletivos e privativos.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Projeto básico	1.1 Metodologia de projeto 1.1.1 Briefing de projeto: apresentação do perfil do cliente, 1.1.2 Programa de necessidades 1.2 Simbologia do projeto 1.2.1 Composição do projeto de interiores 1.2.2 Representação gráfica de materiais e acabamentos 1.2.3 Representação gráfica do mobiliário e complementos decorativos. 1.3 Caracterização e função dos ambientes 1.3.1 Aplicação dos conceitos ergonômicos e estéticos. 1.3.2 Apresentação de soluções adequadas à necessidade do cliente: circulações, necessidades do ambiente, aspectos técnicos (fluxos, dimensionamento, setorização e divisão por ambientes) 1.3.3 Domínio dos usos, das funções do ambiente. 1.3.4 Relações da linguagem plástica 1.3.5 Composição de Memorial descritivo

BIBLIOGRAFIA:

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – **NBR 9050, Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.** 3ª edição. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

BAXTER, Mike. **Projeto de Produto.** São Paulo: Edgard Blucher, 1998.

BOOTH, Sam; PLUNKETT; et al. **Mobiliário Para o Design de Interiores.** 1ª ed. São Paulo. Gustavo Gili, 2015.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

CHING, Francis C. K.; Binggelli, Corky. **Arquitetura de Interiores Ilustrada** - 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2006.

_____. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FUENTES, Rodolfo. **A prática do design gráfico**. Uma metodologia criativa. São Paulo: Edições Rosari, 2006.

GIBBS, Jenny. **Design de Interiores. Guia Útil Para Estudantes de Profissionais**. 1ª ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2010.

GURGEL, Miriam. **Projetando Espaços. Design de Interiores**. 6ª ed. São Paulo: Senac – SP, 2017.

_____. **Organizando Espaços. Guia de Decoração e Reforma de Residências**. 3ª ed. São Paulo: Senac – SP, 2017.

GRIMLEY, Chris; LOVE, Mimi; et al. **Cor, Espaço e Estilo. Todos os Detalhes que os Designers de Interiores Precisam Saber**. 1ª ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

MADUREIRA, Omar M. **Metodologia do Projeto: planejamento, execução e gerenciamento**. São Paulo: Ed. Edgar Blucher, 2010.

NEUFERT, Ernst. **Arte de Projetar em Arquitetura**. 17ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.

PANERO, Julius; ZELNIK, martin. **Dimensionamento humano para espaços interiores: um livro de consulta e referência para projetos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

PRONK, E. **Dimensionamento em Arquitetura**. João Pessoa: Universitária, 1995.

SILVA, Elvan. **Uma introdução ao projeto arquitetônico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

GURGEL, Mirian. **Projetando espaços; guia de arquitetura de interiores para áreas comerciais**. São Paulo: SENAC, 2005.

MANCUSO, Clarice. **Arquitetura de interiores e decoração; a arte de viver bem**. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NEUFERT, Ernst. **Arte de Projetar em Arquitetura**. Barcelona: G. Gili, 1983.

TERRA, Paulo; RODRIGUES, Iesa. **Decoração na medida certa**. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

14. PROJETO DE INTERIORES II

Carga horária: 64 horas

Ementa: Elaboração de projetos complementares para ambientes interiores: residencial, comercial e serviços. Estudo dos mobiliários e equipamentos, vitrine e exposição em espaços coletivos e privativos. Apresentação gráfica e oral de projetos.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Projeto II	1.2 Execução das etapas do projeto arquitetônico 1.2.1 Estudo preliminar – Layout 1.2.2 Estudo da circulação 1.2.3 Anteprojeto 1.2.4 Projeto final 1.2.5 Cortes e Elevações
2. Projetos Complementares	2.1 Execução de projeto de elétrica 1.1.1 Detalhamento 2.2 Desenvolvimento de projeto de hidráulica 2.2.1 Definições cotadas 2.2.2 Locações dos pontos de água quente, água fria, chuveiro, etc. 2.3 Composição dos projetos complementares: 2.3.1 Composição e elaboração do projeto de forma harmônica. 2.3.2 Detalhes, instalações e complementos. 2.3.3 Aspectos construtivos, iluminação, cores e materiais utilizados na ambientação.
3. Mobiliário	3.1 Desenho de móveis (residenciais, comerciais, escritórios, etc.): 3.1.1 Conceitos e funções. 3.1.2 Desenho de móveis em planta 3.1.3 Vistas ortográficas, 3.1.4 Vistas auxiliares, 3.1.5 Cortes e seções 3.1.6 Dimensionamento – alturas e profundidades. 3.1.7 Perspectivas de apresentação. 3.2 Mobiliário residencial (cozinha, banheiro, dormitório, lavanderia, etc.): 3.2.1 Padronagens para divisões internas



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

	(Normas Abimóvel) e definições nos espaços; 3.2.2 Gavetas, prateleiras, sapateiras, cabideiros, colmeia, maleiros, rodapé/roda-teto. 3.3 Mobiliário comercial e industrial
4. Apresentação de Projeto	4.1 Aspectos de mercado, imagem e conceito comercial, vitrine e exposição 4.2 Escopo e confecção de Memorial Descritivo e Justificativa 4.3 Montagem da pasta de portfólio. 4.4 Projeto executivo dos mobiliários

BIBLIOGRAFIA:

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - NBR 6492,
Representação de Projetos de arquitetura. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – **NBR 9050,**
Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 3ª
edição. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

BAXTER, Mike. **Projeto de Produto.** São Paulo: Edgard Blucher, 1998.

BOOTH, Sam; PLUNKETT; et al. **Mobiliário Para o Design de Interiores.** 1ª ed.
São Paulo. Gustavo Gili, 2015.

CHING, Francis C. K.; Binggelli, Corky. **Arquitetura de Interiores Ilustrada - 2ª Ed.**
Porto Alegre: Editora Bookman, 2006.

_____. **Arquitetura: forma, espaço e ordem.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FUENTES, Rodolfo. **A prática do design gráfico.** Uma metodologia criativa. São
Paulo: Edições Rosari, 2006.

GIBBS, Jenny. **Design de Interiores. Guia Útil Para Estudantes de Profissionais.**
1ª ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2010.

GURGEL, Miriam. **Projetando Espaços. Design de Interiores.** 6ª ed. São Paulo:
Senac – SP, 2017.

_____. **Organizando Espaços. Guia de Decoração e Reforma de Residências.**
3ª ed. São Paulo: Senac – SP, 2017.

GRIMLEY, Chris; LOVE, Mimi; et al. **Cor, Espaço e Estilo. Todos os Detalhes que
os Designers de Interiores Precisam Saber.** 1ª ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

MADUREIRA, Omar M. **Metodologia do Projeto**: planejamento, execução e gerenciamento. São Paulo: Ed. Edgar Blucher, 2010.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura**. 17ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.

PANERO, Julius; ZELNIK, martin. **Dimensionamento humano para espaços interiores: um livro de consulta e referência para projetos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

PRONK, Emile. **Dimensionamento em Arquitetura**. João Pessoa: Universitária, 1995.

SILVA, Elvan. **Uma introdução ao projeto arquitetônico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

GURGEL, Mirian. **Projetando espaços; guia de arquitetura de interiores para áreas comerciais**. São Paulo: SENAC, 2005.

MANCUSO, Clarice. **Arquitetura de interiores e decoração**; a arte de viver bem. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NEUFERT, Ernst. **Arte de Projetar em Arquitetura**. Barcelona: G. Gili, 1983.

TERRA, Paulo; RODRIGUES, Iesa. **Decoração na medida certa**. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

b. **Plano de Estágio NÃO OBRIGATÓRIO com Ato de Aprovação do NRE**

1. Identificação da Instituição de Ensino

- Nome do estabelecimento:
- Entidade mantenedora:
- Endereço (rua, n.º, bairro):
- Município:
- NRE:

2. Identificação do curso

- Habilitação:
- Eixo Tecnológico:
- Carga horária total:
- Do curso: _____ horas
- Do estágio: _____ horas

3. Coordenação de Estágio

- Nome do professor (es):
- Ano letivo:

4. Justificativa

- Concepções (educação profissional, curso, currículo, estágio)
- Inserção do aluno no mundo do trabalho
- Importância do estágio como um dos elementos constituintes de sua formação
- O que distingue o estágio das demais disciplinas e outros elementos que justifiquem a realização do estágio

5. Objetivos do Estágio

6. Local (ais) de realização do Estágio



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

7. Distribuição da Carga Horária (por semestre, período,...)

8. Atividades do Estágio

9. Atribuições do Estabelecimento de Ensino

10. Atribuições do Coordenador

11. Atribuições do Órgão/instituição que concede o Estágio

12. Atribuições do Estagiário

13. Forma de acompanhamento do Estágio

14. Avaliação do Estágio

15. Anexos (se houver)

* O Plano de Estágio dos estabelecimentos de ensino que ofertam Cursos Técnicos deve ser analisado pelo Núcleo Regional de Educação que emitirá parecer próprio (Ofício Circular nº 047/2004 – DEP/SEED e Instrução nº 028/2010 – SUED/SEED).

c. Descrição das práticas profissionais previstas

Descrever quais as práticas serão realizadas ao longo do curso para efetivação da relação teoria-prática, tais como: palestras, visitas, seminários, projetos, projetos interdisciplinares entre outros.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

d. Matriz Curricular

MATRIZ CURRICULAR PADRÃO:

Matriz Curricular					
Estabelecimento:					
Município:					
Curso: TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES					
Forma: SUBSEQUENTE			Ano de implantação: A partir do 1º semestre de 2019		
Turno:			Carga horária: 800 horas		
Módulo: 20			ORGANIZAÇÃO: SEMESTRAL		
DISCIPLINAS			SEMESTRES		Horas
			1º	2º	
1	2807	COMPOSIÇÃO GRÁFICA	48	48	96
2	735	COMPUTAÇÃO GRÁFICA	48	48	96
3	6796	CONFORTO AMBIENTAL	32	32	64
4	1922	DESENHO ARQUITETÔNICO	48	48	96
5	2334	EMPREENDEDORISMO		32	32
6	6797	ERGONOMIA DO PRODUTO	32		32
7	3514	FUNDAMENTOS DO TRABALHO		32	32
8	6798	HISTÓRIA DA ARTE E DO DESIGN	48		48
9	6806	INTRODUÇÃO A PROFISSÃO DE DESIGN DE INTERIORES	32		32
10	2705	INSTALAÇÕES PREDIAIS	32	32	64
11	6799	MATERIAIS DE REVESTIMENTO	32	32	64
12	6801	NOÇÕES DE PAISAGISMO E JARDINAGEM		32	32
13	6814	PROJETO DE INTERIORES I	48		48
14	6815	PROJETO DE INTERIORES II		64	64
TOTAL			400	400	800



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

MATRIZ CURRICULAR OPERACIONAL:

Matriz Curricular				
Estabelecimento:				
Município:				
Curso: TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES				
Forma: SUBSEQUENTE			Ano de implantação: A partir do 1º semestre de 2019	
Turno:			Carga horária: 800 horas	
Módulo: 20			ORGANIZAÇÃO: SEMESTRAL	
DISCIPLINAS			SEMESTRES	
			1º	2º
1	2807	COMPOSIÇÃO GRÁFICA	3	3
2	735	COMPUTAÇÃO GRÁFICA	3	3
3	6796	CONFORTO AMBIENTAL	2	2
4	1922	DESENHO ARQUITETÔNICO	3	3
5	2334	EMPREENDEDORISMO		2
6	6797	ERGONOMIA DO PRODUTO	2	
7	3514	FUNDAMENTOS DO TRABALHO		2
8	6798	HISTÓRIA DA ARTE E DO DESIGN	3	
9	6806	INTRODUÇÃO À PROFISSÃO DE DESIGN DE INTERIORES	2	
10	2705	INSTALAÇÕES PREDIAIS	2	2
11	6799	MATERIAIS DE REVESTIMENTO	2	2
12	6801	NOÇÕES DE PAISAGISMO E JARDINAGEM		2



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES –
SUBSEQUENTE

13	6814	PROJETO DE INTERIORES I	3	
14	6815	PROJETO DE INTERIORES II		4
TOTAL			25	25

e) Orientações Metodológicas

1 INTRODUÇÃO

Tomando como referência as “Diretrizes Curriculares da Educação Profissional para a Rede Pública do Paraná”, é importante apresentar os encaminhamentos metodológicos como parte integrante do Plano de Curso **Técnico em Design de Interiores**, tanto na sua forma integrada quanto subsequente, para organização das práticas pedagógicas a serem desenvolvidas ao longo do curso.

Considerando que as ações pedagógicas dos professores de acordo com as Diretrizes supracitadas objetivam atender as necessidades dos estudantes, tendo em vista o perfil profissional, o compromisso com a formação profissional e da cidadania, a apropriação dos conhecimentos, a reflexão crítica e a autonomia, faz-se necessário assumir a concepção da Educação Profissional e seus princípios:

O trabalho como princípio educativo

O trabalho enquanto categoria ontológica explica que o homem é diferente dos outros animais, pois é por meio da ação consciente do trabalho, que o homem é capaz de criar a sua própria existência. Portanto, é na relação Homem-Homem e Homem-Natureza, que se situa a compreensão da escola politécnica na Educação Profissional.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

A organização curricular integrada da Educação Profissional, considerando a categoria do TRABALHO, agrega como elementos integradores a CIÊNCIA, a CULTURA e a TECNOLOGIA, pois a:

- CIÊNCIA é produção de conhecimentos sistematizados social e historicamente pelo homem.
- CULTURA, o processo dinâmico de criação e representações sociais manifestas pelo homem por meio de símbolos.
- TECNOLOGIA, a construção social que decorre das relações sociais, ou seja, das organizações políticas e econômicas da sociedade. A tecnologia é “mediação entre ciência (apreensão e desvelamento do real) e produção (intervenção) no real”. (RAMOS, 2004; 2005 apud BRASIL, 2007, p. 44).

Essas dimensões articuladas devem promover o equilíbrio entre atuar praticamente e trabalhar intelectualmente.

Assim, o tratamento metodológico deve privilegiar a relação entre teoria e a prática e entre a parte e a totalidade, fazendo com que haja integração entre os conteúdos nas dimensões disciplinar e interdisciplinar.

O princípio da integração

A integração é o princípio norteador da práxis pedagógica na Educação Profissional e articula as dimensões disciplinar e interdisciplinar

Disciplinar significa os campos do conhecimento que podemos reconhecê-los como sendo os conteúdos que estruturam o currículo – conteúdos estruturantes.

As disciplinas, por sua vez, são os pressupostos para a interdisciplinaridade, na medida em que as relações que se estabelecem por meio dos conceitos da relação teoria e prática extrapolam os muros da escola e, permitem ao estudante a compreensão da realidade e dos fenômenos inerentes a ela para além das aparências:

A interdisciplinaridade, como método, é a reconstituição da totalidade pela relação entre os conceitos originados a partir de distintos recortes da realidade; isto é, dos diversos campos da ciência representados em disciplinas. (RAMOS, 2007)



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

Assim, os encaminhamentos metodológicos exigem uma organização dos conteúdos que permita aos estudantes se apropriarem dos conceitos fundamentais das disciplinas no contexto da interdisciplinaridade e da integração.

2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Os encaminhamentos metodológicos devem considerar os princípios e concepção da integração, na perspectiva de garantir uma formação politécnica aos estudantes da Educação Profissional.

A politecnia nesse contexto significa dominar os princípios da ciência e as suas diferentes técnicas, no contexto do processo produtivo – TRABALHO, e não no seu sentido restrito do conjunto de muitas técnicas.

Nesse sentido, a intervenção do professor por meio do ato de ensinar deve ser intencional na medida em que ele se compromete com uma educação de qualidade e uma formação profissional para o mundo do trabalho. Assim, é importante ressaltar também o papel da escola e, para tanto, o reafirmamos com Libâneo:

[...] a escola tem, pois o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a provida pela escolarização. Junto a isso tem também o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos presentes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade (LIBÂNEO, 1998, p. 9)

Os conteúdos aqui mencionados não são quaisquer conteúdos, trata-se dos “conhecimentos construídos historicamente e que se constituem, para o trabalhador, em pressupostos a partir dos quais se podem construir novos conhecimentos no processo investigativo e compreensão do real.” (RAMOS, 2005, p.107).

Portanto, como **encaminhamentos metodológicos** indicam-se as proposições apontadas por Marise Ramos:

a) **Problematização dos Fenômenos**

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

Trata-se de usar a metodologia da problematização, no sentido de desafiar os estudantes a refletirem sobre a realidade que os cerca na perspectiva de buscar soluções criativas e originais para os problemas que se apresentam a respeito dessa realidade:

*Problematizar fenômenos – fatos e situações significativas e relevantes para compreendermos o mundo em que vivemos, bem como processos tecnológicos da área profissional para a qual se pretende formar [...] **como ação prática.***

Isso significa:

- Elaborar questões sobre os fenômenos, fatos e situações.
- Responder às questões elaboradas à luz das teorias e conceitos já formulados sobre o(s) objeto(s) estudados – conteúdos de ensino.

b) Explicitação de Teorias e Conceitos

A partir de uma situação problema indicada para reflexão, análise e solução, deixar claro para os estudantes quais conceitos e quais teorias dão suporte para a apreensão da realidade a ser estudada:

Explicitar teorias e conceitos fundamentais para a compreensão do(s) objetivo(s) estudados nas diversas perspectivas em que foi problematizada.

Nesse sentido, é importante:

- Localizá-los nos respectivos campos da ciência (áreas do conhecimento, disciplinas científicas e/ou profissionais).
- Identificar suas relações com outros conceitos do mesmo campo (disciplinaridade) e de campos distintos do saber (interdisciplinaridade).

c) Classificação dos Conceitos–Conhecimentos

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

Os “conhecimentos desenvolvidos na perspectiva da sua utilização pelas pessoas são de **formação geral** e fundamentam quaisquer **conhecimentos específicos** desenvolvidos com o objetivo de formar profissionais”.

Situar os conceitos como conhecimentos de formação geral e específica, tendo como referência a base científica dos conceitos e sua apropriação tecnológica, social e cultural.

Nessa dimensão, estarão os conhecimentos que, uma vez apropriados, permitem às pessoas formularem, agirem, decidirem frente a situações próprias de um processo produtivo. Esses conhecimentos correspondem a desdobramentos e aprofundamentos conceituais restritos em suas finalidades e aplicações, bem como as técnicas procedimentais necessárias à ação em situações próprias a essas finalidades.

d) Organização dos Componentes Curriculares e as Práticas Pedagógicas

As opções pedagógicas implicam em redefinir os processos de ensino, pensando no sujeito que aprende (estudante) de modo a considerar a realidade objetiva (totalidade histórica).

Organizar os componentes curriculares e as práticas pedagógicas, visando a corresponder, nas escolhas, nas relações e nas realizações, ao pressuposto da totalidade do real como síntese das múltiplas determinações.

São ações pedagógicas no contexto dos processos de ensino

- *Proposições de desafios e problemas.*
- *Projetos que envolvam os estudantes, no sentido de apresentar ações resolutivas – projetos de intervenção.*
- *Pesquisas e estudos de situações na perspectiva de atuação direta na realidade.*



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

Os pressupostos que dão suporte ao currículo ancorado nos encaminhamentos metodológicos apresentados, de fato, se diferenciam de um currículo que tem como referência a reprodução de atividades na perspectiva do currículo tradicional que cinde com o princípio da integração. (RAMOS, 2005, p.122)

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, Para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação especial. In: **Revista Brasileira de Educação profissional e tecnológica**. Brasília: MEC, SETEC, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da Educação Profissional: fundamentos políticos e pedagógicos**. Curitiba: SEED/PR, 2006.

_____. **Orientações Curriculares para o Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em Nível Médio na Modalidade Normal**. Curitiba: SEED/ PR, 2014.

RAMOS, Marise Nogueira. O projeto de ensino médio sob os princípios do trabalho, da ciência e da cultura. In: FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. **Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.

_____. (org.) **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. (org.) **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. Concepção do Ensino Médio Integrado, São Paulo, 2007. Disponível em:
< http://www.iiep.org.br/curriculo_integrado.pdf>. Acesso em 20/07/2015.

IX – SISTEMA DE AVALIAÇÃO E CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS, COMPETÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

1 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

1.1 DA CONCEPÇÃO



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

Os pressupostos apontados pela legislação indicam uma concepção de avaliação ancorada nos princípios da educação politécnica e omnilateral, que considera o sujeito da aprendizagem um ser histórico e social, capaz de intervir na realidade por meio dos conhecimentos apropriados no seu percurso formativo.

Sendo assim, se a Educação Profissional se pauta no princípio da integração, não se pode e não se deve avaliar os estudantes de forma compartimentalizada. Formação integral significa pensar o sujeito da aprendizagem “por inteiro”, portanto avaliação contextualizada na perspectiva da unidade entre o planejamento e a realização do planejado. Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem é parte integrante da prática educativa social.

Além do princípio da integração, a avaliação da aprendizagem nessa concepção, ancora-se também nos princípios do TRABALHO, numa perspectiva criadora ao possibilitar o homem trabalhar com o novo, construir, reconstruir, reinventar, combinar, assumir riscos, após avaliar, e, da CULTURA, pois adquire um significado cultural na mediação entre educação e cultura, quando se refere aos valores culturais e à maneira como são aceitos pela sociedade.

A sociedade não se faz por leis. Faz-se com homens e com ciência. A sociedade nova cria-se por intencionalidade e não pelo somatório de improvisos individuais. E nessa intencionalidade acentua-se a questão: A escola está em crise porque a sociedade está em crise. Para entender a crise da escola, temos que entender a crise da sociedade. E para se entender a crise da sociedade tem-se que entender da sociedade não apenas de rendimento do aluno em sala de aula. Expandem-se, assim, as fronteiras de exigência para os homens, para os professores; caso os mesmos queiram dar objetivos sociais, transformadores à educação, ao ensino, à escola, à avaliação. (NAGEL, 1985, p. 30)

Nessa perspectiva, a avaliação revela o seu sentido pedagógico, ou seja, revela os resultados das ações presentes, as possibilidades das ações do futuro e as práticas que precisam ser transformadas.

1.2 DAS DIMENSÕES

A partir da concepção de avaliação anteriormente apresentada, decorrem as práticas pedagógicas, em uma perspectiva de transformação, onde as ações dos



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

professores não podem ser inconscientes e irrefletidas, mas transparentes e intencionais. Nesse sentido, apresentam-se as três dimensões da avaliação que atendem esses pressupostos:

a) **Diagnóstica**

Nessa concepção de avaliação, os aspectos qualitativos da aprendizagem predominam sobre os aspectos quantitativos, ou seja, o importante é o diagnóstico voltado para as dificuldades que os estudantes apresentam no percurso da sua aprendizagem. Nesse sentido, é importante lembrar que o diagnóstico deve desconsiderar os objetivos propostos, metodologias e procedimentos didáticos.

A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista a tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. (LUCKESI, 1995, p. 81)

Nesse sentido, considerando a principal função da escola que é ensinar e, os estudantes aprenderem o que se ensina, a principal função da avaliação é, nesse contexto, apontar/indicar para o professor as condições de apropriação dos conteúdos em que os estudantes se encontram – diagnóstico.

De acordo com a Deliberação nº 07/99 – CEE/PR:

Art. 1º. - A avaliação deve ser entendida como um dos aspectos do ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem e de seu próprio trabalho, com as finalidades de acompanhar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos alunos, bem como diagnosticar seus resultados e atribuir-lhes valor.

§ 1º. - A avaliação deve dar condições para que seja possível ao professor tomar decisões quanto ao aperfeiçoamento das situações de aprendizagem.

§ 2º. - A avaliação deve proporcionar dados que permitam ao estabelecimento de ensino promover a reformulação do currículo com adequação dos conteúdos e métodos de ensino.

§ 3º. - A avaliação deve possibilitar novas alternativas para o planejamento do estabelecimento de ensino e do sistema de ensino como um todo. (PARANÁ, 1999, p. 01)

Dessa forma, o professor, diante do diagnóstico apresentado, terá condições de reorganizar os conteúdos e as suas ações metodológicas, caso os estudantes não estejam aprendendo.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

b) **Formativa**

A dimensão formativa da avaliação se articula com as outras dimensões. Nesse sentido, ela é formativa na medida em que, na perspectiva da concepção integradora de educação, da formação politécnica também integra os processos de formação omnilateral, pois aponta para um aperfeiçoamento desses processos formativos seja para a vida, seja para o mundo do trabalho. Essa é a essência da avaliação formativa.

Os pressupostos colocados pela Resolução nº 06/2012 – CNE/CEB, já referenciada, indica uma concepção de educação ancorada no materialismo histórico. Isso significa que a avaliação também agrega essa concepção na medida em que objetiva que a formação dos estudantes incorpore as dimensões éticas e de cidadania. Assim, “o professor da Educação Profissional deve ser capaz de permitir que seus alunos compreendam, de forma reflexiva e crítica, os mundos do trabalho, dos objetos e dos sistemas tecnológicos dentro dos quais estes evoluem”. (MACHADO, 2008, p. 18).

Nesse caso, a avaliação de caráter formativo permite aos professores a reflexão sobre as suas ações pedagógicas e, nesse processo formativo, replanejá-las e reorganizá-las na perspectiva da inclusão, quando acolhe os estudantes com as suas dificuldades e limitações e aponta os caminhos de superação, em um “ato amoroso”. (LUCKESI, 1999, p.168)

c) **Somativa**

O significado e a proposta da avaliação somativa é o de fazer um balanço do percurso da formação dos estudantes, diferentemente do modelo tradicional de caráter classificatório. O objetivo não é o de mensurar os conhecimentos apropriados, mas avaliar os itinerários formativos, na perspectiva de intervenções pedagógicas para a superação de dificuldades e avanços no processo.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

Apesar de a terminologia somativa dar a ideia de “soma das partes”, na concepção de avaliação aqui apresentada, significa que, no processo avaliativo o professor deverá considerar as produções dos estudantes realizadas diariamente por meio de instrumentos e estratégias diversificadas e, o mais importante, manter a integração com os conteúdos trabalhados – critérios de avaliação.

É importante ressaltar que a legislação vigente – Deliberação nº 07/99-CEE/PR, traz no seu artigo 6º, parágrafos 1º e 2º, o seguinte:

Art. 6º - Para que a avaliação cumpra sua finalidade educativa, deverá ser contínua, permanente e cumulativa.

§ 1º – A avaliação deverá obedecer à ordenação e à sequência do ensino aprendizagem, bem como a orientação do currículo.

§ 2º – Na avaliação deverão ser considerados os resultados obtidos durante o período letivo, num processo contínuo cujo resultado final venha incorporá-los, expressando a totalidade do aproveitamento escolar, tomando a sua melhor forma.

O envolvimento dos estudantes no processo de avaliação da sua aprendizagem é fundamental. Nesse sentido, a autoavaliação é um processo muito bem aceito no percurso da avaliação diagnóstica, formativa e somativa. Nele, os estudantes refletem sobre suas aprendizagens e têm condições de nelas interferirem.

1.3 DOS CRITÉRIOS

Critério no sentido restrito da palavra que dizer aquilo que serve de base para a comparação, julgamento ou apreciação. No entanto, no processo de avaliação da aprendizagem significa os princípios que servem de base para avaliar a qualidade do ensino. Assim, os critérios estão estritamente integrados aos conteúdos.

Para cada conteúdo elencado, o professor deve ter a clareza do que efetivamente deve ser trabalhado. Isso exige um planejamento cuja organização contemple todas as atividades, todas as etapas do trabalho docente e dos estudantes, ou seja, em uma decisão conjunta todos os envolvidos com o ato de educar apontem, nesse processo, o que ensinar, para que ensinar e como ensinar.

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

Portanto, estabelecer critérios articulados aos conteúdos pertinentes às disciplinas é essencial para a definição dos instrumentos avaliativos a serem utilizados no processo ensino e aprendizagem. Logo, estão critérios e instrumentos intimamente ligados e deve expressar no Plano de Trabalho Docente a concepção de avaliação na perspectiva formativa e transformadora.

1.4 DOS INSTRUMENTOS

Os instrumentos avaliativos são as formas que os professores utilizam no sentido de proporcionar a manifestação dos estudantes quanto a sua aprendizagem. Segundo LUCKESI (1995, p.177, 178, 179), devem-se ter alguns cuidados na operacionalização desses instrumentos, quais sejam:

1. ter ciência de que, por meio dos instrumentos de avaliação da aprendizagem, estamos solicitando ao educando que manifeste a sua intimidade (seu modo de aprender, sua aprendizagem, sua capacidade de raciocinar, de poetizar, de criar histórias, seu modo de entender e de viver, etc.);
2. construir os instrumentos de coleta de dados para a avaliação (sejam eles quais forem), com atenção aos seguintes pontos:
 - articular o instrumento com os conteúdos planejados, ensinados e aprendidos pelos educandos, no decorrer do período escolar que se toma para avaliar;
 - cobrir uma amostra significativa de todos os conteúdos ensinados e aprendidos de fato “- conteúdos essenciais;
 - compatibilizar as habilidades (motoras, mentais, imaginativas...) do instrumento de avaliação com as habilidades trabalhadas e desenvolvidas na prática do ensino aprendizagem;
 - compatibilizar os níveis de dificuldade do que está sendo avaliado com os níveis de dificuldade do que foi ensinado e aprendido;
 - usar uma linguagem clara e compreensível, para salientar o que se deseja pedir. Sem confundir a compreensão do educando no instrumento de avaliação;
 - construir instrumentos que auxiliem a aprendizagem dos educandos, seja pela demonstração da essencialidade dos conteúdos, seja pelos exercícios inteligentes, ou pelos aprofundamentos cognitivos propostos.
3. [...] estarmos atentos ao processo de correção e devolução dos instrumentos de avaliação da aprendizagem escolar aos educandos:
 - a) quanto à correção: não fazer espalhafato com cores berrantes;
 - b) quanto à devolução dos resultados: o professor deve, pessoalmente, devolver os instrumentos de avaliação de aprendizagem aos educandos, comentando-os, auxiliando-os a se autocompreender em seu processo pessoal de estudo, aprendizagem e desenvolvimento.

1.5 DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

Em atendimento às Diretrizes para Educação Profissional, definidas pela Resolução nº 06/2012 – CNE/CEB, conforme o artigo 34 a seguir:

A avaliação da aprendizagem dos estudantes visa à sua progressão para o alcance do perfil profissional de conclusão, sendo contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, bem como dos resultados ao longo do processo sobre os de eventuais provas finais. (MEC, 2012.)

Diante do exposto, a avaliação será entendida como um dos aspectos de ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem dos estudantes e das suas ações pedagógicas, com as finalidades de acompanhar, diagnosticar e aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem em diferentes situações metodológicas.

A avaliação será expressa por notas, sendo a mínima para aprovação – 6,0 (seis vírgula zero), conforme a legislação vigente.

Recuperação de Estudos

De acordo com a legislação vigente, o aluno cujo aproveitamento escolar for insuficiente será submetido à recuperação de estudos de forma concomitante ao período letivo.

1.6 DO APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

a) Critérios

O aproveitamento de conhecimentos e experiências anteriores deverá constar no Projeto Político-Pedagógico e no Regimento Escolar e ocorrerá nos termos do art. 52 da Deliberação nº 05/13 – CEE/PR, que assim determina:

Art. 52. A instituição de ensino poderá aproveitar estudos, mediante avaliação de competências, conhecimentos e experiências anteriores, desde que diretamente relacionados com o perfil profissional de conclusão do respectivo Curso Técnico de Nível Médio e tenham sido adquiridos: I –

PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

no Ensino Médio; II – em habilitações profissionais e etapas ou módulos em nível técnico regularmente concluídos nos últimos cinco anos em outros cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio; III – em cursos destinados à formação inicial e continuada ou qualificação profissional de, no mínimo, 160 horas de duração, mediante avaliação específica; IV – em outros cursos de Educação profissional e Tecnológica, inclusive no trabalho, por outros meios informais ou até mesmo em cursos superiores de graduação, mediante avaliação do estudante; V – por reconhecimento, em processos formais de certificação profissional, realizado em instituição devidamente credenciada pelo órgão normativo do respectivo sistema de ensino ou no âmbito de sistemas nacionais de certificação profissional; VI – em outros países. Parágrafo único. A Avaliação, para fins de aproveitamento de estudos será realizada conforme critérios estabelecidos no Projeto Político-Pedagógico, no Plano de Curso e no Regimento Escolar.

b) **Solicitação e Avaliação**

- O interessado deverá solicitar o aproveitamento de estudos mediante preenchimento de requerimento na Instituição de Ensino em que estiver matriculado, considerando o perfil profissional do respectivo curso técnico de nível médio e a indicação dos cursos realizados, anexando fotocópia de comprovação de todos os cursos ou conhecimentos adquiridos.
- A direção da Instituição de Ensino deverá designar uma comissão de professores, do curso técnico, para análise da documentação apresentada pelo aluno e, posterior, emissão de parecer.
- Havendo deferimento, a comissão indicará os conteúdos (disciplinas) que deverão ser estudados pelo aluno a fim de realizar a avaliação, com data, hora marcada e professores escalados para aplicação e correção.
- Para efetivação da legalidade do aproveitamento de estudos será lavrada ata constando o resultado final da avaliação e os conteúdos aproveitados, na forma legal e pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 06/2012**. Brasília: MEC, 2012.



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A Avaliação da Aprendizagem Escolar**: estudos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

NAGEL, Lizia Helena. **Avaliação, Sociedade e Escola**: fundamentos para reflexão. Curitiba, Secretaria de Estado da Educação-SEED/PR, 1985.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação nº 07/1999**. Curitiba: CEE-PR, 1999.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da Educação Profissional**: fundamentos políticos e pedagógicos. Curitiba: SEED/ PR, 2006.

X – ARTICULAÇÃO COM O SETOR PRODUTIVO

A articulação com o setor produtivo estabelecerá uma relação entre o estabelecimento de ensino e instituições que tenham relação com o Curso Técnico em Design de Interiores, nas formas de entrevistas, visitas, palestras, reuniões com temas específicos com profissionais das Instituições conveniadas.

Anexar os termos de convênio firmados com empresas e outras instituições vinculadas ao curso.

XI – PLANO DE AVALIAÇÃO DO CURSO

O Curso será avaliado com instrumentos específicos, construídos pelo apoio pedagógico do estabelecimento de ensino para serem respondidos (amostragem de metade mais um) por alunos, professores, pais de alunos, representante(s) da comunidade, conselho escolar, APMF.

Os resultados tabulados serão divulgados, com alternativas para solução.

XII – INDICAÇÃO DO COORDENADOR DE CURSO:

Deverá ser graduado com habilitação específica e experiência comprovada.

XIII – RECURSOS MATERIAIS



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

- a. **Biblioteca:** (em espaço físico adequado e relacionar os itens da bibliografia específica do curso, conter quantidade)
- b. **Laboratório:** indicar o(s) laboratório(s) de Informática e o(s) específico(s) do curso
- c. **Instalações Físicas:** indicar as outras instalações da instituição e ensino, observando os espaços (iluminação, aeração, acessibilidade) e os mobiliários adequados a cada ambiente e ao desenvolvimento do curso
- d. **Equipamentos:** relacionar os equipamentos e materiais essenciais ao curso

XIV – INDICAÇÃO DE PROFISSIONAL RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO LABORATÓRIO (quando for o caso)

Deverá ser graduado com habilitação específica.

XV – INDICAÇÃO DO COORDENADOR DE ESTÁGIO – (quando for o caso)

Deverá ser graduado com habilitação específica e experiência comprovada.

XVI – RELAÇÃO DE DOCENTES

Deverão ser graduados com habilitação e qualificação específica nas disciplinas para as quais forem indicados anexando documentação comprobatória.

XVII – CERTIFICADOS E DIPLOMAS



PLANO DE CURSO TÉCNICO EM DESIGN DE INTERIORES – SUBSEQUENTE

- a. **Certificação:** Não haverá certificados no Curso Técnico em Design de Interiores, considerando que não há itinerários alternativos para qualificação.
- b. **Diploma:** Ao concluir o Curso Técnico em Design de Interiores conforme organização curricular aprovada, o aluno receberá o Diploma de Técnico em Design de Interiores.

XVIII – CÓPIA DO REGIMENTO ESCOLAR E/OU ADENDO COM O RESPECTIVO ATO DE APROVAÇÃO DO NRE

(A finalidade é constatar as normas do curso indicado no Plano)

XIX – ANUÊNCIA DO CONSELHO ESCOLAR DO ESTABELECIMENTO MANTIDO PELO PODER PÚBLICO

(ATA OU DECLARAÇÃO COM ASSINATURAS DOS MEMBROS)

XX - PLANO DE FORMAÇÃO CONTINUADA (DOCENTES)

(O estabelecimento deverá descrever o plano de formação continuada)